



Sociedade e Estado

ISSN: 0102-6992

revistasol@unb.br

Universidade de Brasília

Brasil

Schechner, Richard

Podemos ser o (novo) Terceiro Mundo?

Sociedade e Estado, vol. 29, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 711-726

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339933514003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Podemos ser o (novo) Terceiro Mundo?\*

Recebido: 27.02.13

Aprovado: 01.07.14

Richard Schechner\*\*

\* Tradução de João Gabriel L. C. Teixeira; revisão de Ana Cristina M. Collares.

**E**stou sentado aqui nesta manhã (não importa qual manhã) tentando ser otimista. Quero escrever sobre como os estudos da performance e as artes performativas podem salvar o mundo ou, pelo menos, podem ajudar a salvar o mundo. Escrevo este texto enquanto foguetes e bombas estão explodindo em Gaza e Israel; o Egito está em tumulto, a Síria no limiar da guerra civil; os rebeldes do M23 estão fechando sobre o Congo, colocando um milhão de pessoas sob ameaça; bombardeios suicidas e assassinatos são rotina no Iraque e Afeganistão; a guerra civil da Somália continua o seu curso. Sunitas e xiitas têm guerreado uns contra os outros desde o martírio de Hussein ibn Ali, no ano de 680; na Índia, hindus assassinam muçulmanos e vice-versa; o antisemitismo é predominante em muitos lugares; e não há muito tempo católicos e protestantes estavam se matando mutuamente na Irlanda do Norte poucos séculos após a dizimação da Europa pelas guerras religiosas. O Holocausto não é uma história ancestral.

\*\* professor de Estudos da Performance na Tisch School of the Arts – New York University, editor da *The Drama Review* e diretor da *East Coast Artists*. <richard.schechner@nyu.edu>

Já estou com mais de 79 anos. Durante 71 desses anos, os Estados Unidos estiveram em guerra. Grandes guerras, guerras pequenas, guerras longas, curtas, boas e más guerras, guerras apenas, guerras por ambição, invasões, incursões militares, missões, ações na Europa, Ásia, América Latina, Oriente Médio, África. Da Segunda Guerra Mundial à Guerra da Coreia, Granada “Operação Fúria Urgente” (*Operation Urgent Fury*) e Líbano (duas vezes, 1958 e 1982-1984), do Vietnã ao Iraque e ao Afeganistão, da Sérvia à Líbia. E ainda: Panamá, Cambodja, El Salvador, Colômbia, Libéria, Egito, Zaire, Kosovo, Bósnia, Timor Leste, Iêmen, Filipinas, Congo, Costa do Marfim, República Dominicana, Nicarágua, Honduras... E onde os Estados Unidos não enviaram suas tropas eles formaram exércitos, treinaram soldados, criaram alianças, e financiaram mercenários. Algumas vezes com paradoxos grotescos tais como ajudar Saddam Hussein a invadir o Irã precipitando um massacre sangrento de 1980 a 1988, com meio milhão de mortos e, menos de três anos depois, voltar-se contra Saddam na “Operação Tempestade do Deserto” (*Operation Desert Storm*), e depois, em 2003, na “Operação Liberdade do Iraque” (*Operation Iraqi Freedom*) na qual os Estados Unidos instituíram a coalizão da boa vontade (*Coallition of the Willing*) – quem está enganando quem? Mais ainda: ações secretas não conhecidas do público e guerras empreendidas por mercenários com “conselheiros” americanos; “guerras sujas” na América Latina deflagradas em nome do anticomunismo;

a Guerra Fria, com seu aparato nuclear ainda não substancialmente desmontado. E o que dizer da guerra iminente quase deflagrada pela crise dos mísseis cubanos e da Sétima Frota americana patrulhando as águas do estreito entre a China e Taiwan; as contínuas demonstrações de poder para a Coreia do Norte e o Irã sobre seus programas nucleares. Além de intervenção ativa armada, há a “presença” dos Estados Unidos: tropas acampadas em bases por todo o mundo; e múltiplas operações encobertas. “Encobertas” significando “classificadas” como secretas, mantidas afastadas da visão e do acompanhamento público, mesmo numa professada sociedade “aberta” com sua “imprensa livre”. Quem sabe quantas ações secretas houve e quantas continuam hoje? Essas “operações” (cirurgias?) exigem “inteligência” (que nome estranho para a espionagem e os truques sujos), terror e torturas em prisões como Guantánamo e dos secretos “buracos negros” em todo o mundo. Mesmo durante os sete anos de paz, minha infância e minha adolescência, de 1934 a 1941, foram obscurecidas pela invasão japonesa da China, em 1937; pelas invasões nazista e soviética à Polônia, em 1939; e pelos preparativos para a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. E o que dizer das guerras dentro das fronteiras norte-americanas? – “guerra” sendo usada aqui não apenas no sentido metafórico. O Comitê de Atividades Antiamericanas (1938-1975) da caça anticomunista às bruxas, liderada pelo senador Joseph McCarthy (anos 1950), as respostas violentas ao Movimento de Liberação Afro-americana e à Liberação Gay, ao Ato Patriótico e à guerra contra as drogas.

A sociedade e a cultura norte-americanas – e toda sua influência junto às sociedades e culturas globais – têm sido deformadas por uma praga de guerras, pelas ameaças de guerras (guerras nacionais, guerras civis, insurreições, “ações”, “operações”... a linhagem da guerra tem membros suficientes). A guerra contínua tanto cria como requer um sistema paranoico, político, cultural, social, educacional e econômico, subvencionando pesquisas e testes para formação de exércitos de grandes proporções, e uma teia de aparatos bélicos. Nos Estados Unidos, nós somos bombardeados (sim, estou ciente da metáfora) por mensagens informando-nos que podemos nos beneficiar do período de guerra – bens, lazer, uma sociedade aberta –, enquanto fomentamos (notem a metáfora) guerras, ou, melhor treinamos um “exército de voluntários” para lutar por nós (entre aspas, pois a necessidade econômica e, até certo ponto, o racismo e o sexism determinam quem vai se voluntariar). A mensagem é perturbadoramente esquizoide: viva “normalmente” mas “*se você ver algo, informe logo*”. Esta instrução-*slogan* específica sobre a Guerra ao Terror está postada por todos os lugares em Nova York, e em outros lugares, suponho; ela é exibida e projetada em voz branca e reforçada com sinalização onipresente e câmeras de vigilância. A vigilância tem sido normalizada: o “pan-óptico” chegou. Saia de férias, mas tire sapatos e cinto antes de passar pelo detector de metais. A máquina da guerra necessita da belicosidade – os Estados Unidos são o melhor, o maior, o mais livre – e paranoia –,

os Estados Unidos estão sob ataque, o nosso estilo de vida ameaçado, “eles” estão atravessando nossas fronteiras real e figuradamente. O complexo industrial-militar e seu concomitante “levante desastroso de poder deslocado” de que o general e depois presidente Dwight D. Eisenhower alertou em seu discurso de despedida de 1961 já passou? As universidades não estão isentas, mas conectadas e integradas a essa estrutura.

O resultado global de tudo isso é que bilhões de pessoas vivem com menos de US\$ 1/dia; bilhões não têm água potável ou saneamento adequado. Vinte anos atrás, 20% da população mundial no topo da pirâmide eram 30 vezes mais ricos do que os 20% da base dessa mesma pirâmide. Hoje, são 70 vezes mais ricos. Das 1.233 drogas desenvolvidas na última década, apenas onze eram para tratamento de doenças tropicais e, dessas, cinco eram destinadas à pecuária, não humanos. As três pessoas mais ricas do mundo têm uma fortuna superior ao PIB das 47 nações mais pobres; as 15 pessoas mais ricas, uma fortuna superior à do conjunto dos países da África saariana, com seus 550 milhões de seres humanos. O Movimento “Ocupem Wall Street”, nos Estados Unidos, tornou-se famoso por revelar que 1% de norte-americanos do topo da pirâmide social ganhavam mais do que 20% da renda nacional.

Todos os engajamentos (esses casamentos com a guerra?) custam bastante. O dispêndio com armamentos pode ser estimado em US\$ 330 bilhões (em dólares de 2012) ao ano, de 1940 até o presente. Isso soma cerca de US\$ 23,5 trilhões (US\$ 23.430.000.000.000). Você pode imaginar essa montanha de ouro? O que ela compraria se colocada para usos construtivos? Cuidados com a saúde, a educação, com obras públicas, artes, habitação? Talvez não faça sentido o desarmamento unilateral. Mas também não faz sentido ser o poder mundial número 1 em gastos militares anos a fio, décadas, gerações, para sempre... Nada, desde Roma – e lembrem-se o que aconteceu com Roma: a República, o Império e depois, a debacle –, expandiu-se de forma tão descomedida. E o custo não é apenas em dólares, é cultural, em pessoas, em vidas, é espiritual.

Então, o que dizer da guerra? É tudo ganância e poder? Não, a cultura – a cultura profunda, reforçada historicamente – adora a guerra. Pense sobre isso; os mitos fundadores indo-europeus e do Oriente Médio são histórias de guerra: a *Ilíada*, a *Odisseia*, *Mahabharata*, *Ramayana*, *Gilgamesh* e o *Velho Testamento*. Sim, acontece muita coisa que não é guerra, mas as narrativas nucleares celebram batalhas, conquistas e heroísmo: mais glória do que o ensanguentado horror da guerra. Esses mitos admiram e mesmo veneram a pessoa ou a divindade belicosa, porque a ferocidade e o valor da batalha – que é usualmente masculina, mas nem sempre – superam as questões de gênero – pensem em Atenas e Ênio, Durga e Kali. O *Velho Testamento*

é belicoso, desde as pragas (a guerra de Deus contra o Faraó) até a derrocada dos muros de Jericó, desde a limpeza étnica de Canaã às expedições sangrentas de Davi, e tantas conflagrações mais. No reino da literatura, o teatro grego traz contra a guerra os protestos das mulheres, confira *Oresteia*, *Antígona*, *As troianas* e *Lisístrata*. Mas o heroísmo é sempre honrado e a guerra algumas vezes celebrada, como em *Os persas*. Shakespeare nunca foi pacifista, nem Milton, nem mesmo Joseph Heller. A cultura pop, desde os “videogames” às lutas esportivas, é marcada por violência e saturada de metáforas acerca da guerra.

Quando os líderes querem focar as pessoas numa tarefa específica, a guerra é a metáfora escolhida. Não apenas os jihad e a guerra contra o terror, mas também a guerra contra o câncer, contra as drogas, contra a pobreza, contra a violência etc., etc. A Primeira Guerra Mundial foi “a guerra para acabar com todas as guerras”. Guerra é o que as pessoas fazem com o sexo, a morte e os impostos. A competição por mais terra, por mais poder (hierarquia), reputação, honra, parceiros – sobrepondo umas às outras – orienta a ação humana e, dizem alguns, toda a Natureza. Ironicamente, mesmo o oposto da competição – generosidade, compartilhamento e “amor” (entre aspas, pois este conceito é tão maleável) – frequentemente estabelece uma rivalidade entre quem e o que pode fazer melhor. A guerra é natural, cultural – ou um mix de ambos?

Existe uma contranarrativa a esta história de violência. Em *Os anjos bons da nossa natureza*, Stephen Pinker<sup>1</sup> expõe uma impressionante análise estatística e social para mostrar que por séculos a violência tem declinado globalmente, e que continua sendo assim. Violência em termos de guerra, genocídio, terror, assassinato, tortura, escravidão, punição de morte, cativeiro doméstico, infanticídio e abuso de crianças. Ele atribui o declínio a um conjunto de causas inter-relacionadas: o surgimento das sociedades civis, a democratização, o declínio da superstição, o comércio e as trocas em escala global, e, decididamente, o crescente poder e influência das mulheres, o que Pinker chama de “feminização”, em que valores feministas amistosos prevalecem sobre a “honra masculina” ou retaliação violenta – nas esferas individual, familiar, tribal e nacional –, quando a contracepção autoriza a mulher a determinar se e quando terá filhos. Em resumo, afirma Pinker:

O retraimento que procuramos expor se desenvolveu ao longo de escalas largamente diferenciadas no tempo e no poder daninho: a domesticação das incursões crônicas e vendetas; a redução de tipos maléficos de violência interpessoal como a amputação de nariz; a eliminação de práticas cruéis como os sacrifícios humanos, as execuções sob tortura e o flagelamento; a abolição de instituições como a escravidão e a prisão por dívidas; o ocaso da moda dos esportes sangrentos e duelos; a erosão do assassinato político e do

1. Stephen Pinker. *Os anjos bons da nossa natureza*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013 [2011].

despotismo; o recente declínio das guerras, pogroms e genocídios; a redução da violência contra mulheres; a descriminalização da homossexualidade, a proteção de crianças e animais [...]. Todo esse desenvolvimento inegavelmente aponta na mesma direção (Pinker, 2013: 895).

Como pode Pinker estar correto depois de tudo que afirmei no início deste texto? Existem duas formas de entender os dados de Pinker. Enquanto estatísticas, tendências e desenvolvimentos genéricos, a proporção de atos violentos – individual, societal, nacional, internacional – tem declinado em relação ao número de pessoas vivas. Mas os números absolutos de pessoas que sofrem ou morrem não diminuíram porque existem hoje muito mais pessoas vivas que anteriormente – e a população mundial está crescendo muito mais, sendo improvável que tais atos sofram uma inflexão, estagnem ou declinem. Para colocar de uma forma diferente, os seres humanos podem ser vistos como parcelas de um grupo – a pessoa estatística, relativamente a todos os demais – ou como indivíduos absolutos, “almas”, “seres”, cada qual dotado com o seu/ sua *self* particular. Como seres únicos, o número de pessoas que sofrem ou morrem tem aumentado, mesmo quando a proporção desses em relação à população total declina. Segundo, a violência não está limitada ao que acontece entre as pessoas. A violência é também praticada contra animais e plantas, contra terras e mares: contra o mundo enquanto Gaia, ou seja, uma singularidade viva. Esta violência contra as espécies e o *habitat*, contra o Planeta, está definitivamente se aproximando do nível de – quais palavras poderiam expressar isso? – “especitícola”... “globalicida”... Estamos, nos dias atuais, vivendo a “sexta grande extinção” da Terra, esta praticada pelo *homo sapiens*, por nós mesmos.

Eu gostaria de me posicionar de maneira diferente. Não falo a respeito de outras nações, mas da minha, os Estados Unidos da América. Sei bem que a responsabilidade não é exclusiva dos Estados Unidos, outros têm sua cota de transgressão. Contudo, este país tem sido a entidade líder – *O século americano*, e tudo o que isso envolve – econômica e militar e, após o colapso da União Soviética, ideologicamente.

Pensem, por um momento, onde o mundo poderia estar se os Estados Unidos tivessem apoiado a Revolução Cubana, feito oposição aos regimes militares latino-americanos e abraçado o socialismo democrático de Salvador Allende (em vez serem cúmplices de seus assassinos). Se tivessem ajudado Patrice Lumumba no Congo, trabalhado para pôr um fim ao *apartheid* na África do Sul e instituído um Plano Marshall africano, o que permitiria a recuperação do continente dos horrores do colonialismo. Se tivessem rejeitado a causa do derrotado colonialismo francês no Vietnã, trabalhado pela reunião pacífica das Coreias e exigido o acordo unilateral para o conflito entre Israel e a Palestina. Foi reconhecido há 60 anos que a dependência do petróleo do Oriente Médio distorceu as políticas externa e doméstica e, portanto, exigindo grandes esfor-

ços como o da corrida à Lua para desenvolver fontes de energia não fóssil. Se tivessem construído redes de trens-bala e de transportes de massas, rejeitado o macartismo e a caça às bruxas por atividades antiamericanas, o qual continua sob os auspícios do “Patriot Act”. Algumas coisas foram alcançadas, mas não com a rapidez necessária: o fim do racismo, do sexism e da homofobia; uma reforma compreensiva dos planos de saúde. Outros itens urgentes estão esperando por ação: reforma da imigração para milhões de sem-documentos que são explorados como subclasse, sub-remunerados; proteção real ao meio ambiente, à indústria da pesca; políticas para o suprimento de água. Apoio significativo para a educação e as artes. O que ocorre, contudo, são corporações que ganham sempre mais poderes e aumentam o desequilíbrio mantendo ou levando milhões de pessoas para a miséria (exatamente o que levou o movimento *Occupy Wall Street* aos protestos).

Este emprego do “se” traduz, sei bem, um jogo de perdedores. Entretanto, não estou sonhando quando digo que todas essas possibilidades que listei estejam em pauta nos Estados Unidos da América, apoiados por um número considerável de pessoas, hipóteses debatidas em praticamente toda a grande mídia (assim como pela imprensa progressista e radical). Por que esses programas e essas reformas não foram bem-sucedidos? Por que aqueles que apoiam ativamente as políticas progressistas foram grampeados, caçados, aprisionados, baleados e transformados em poeira? Não sou escritor do tipo partidário da teoria da conspiração; não acredito que os fazedores de política norte-americanos sejam controlados por uma quadrilha. Acredito sim que não tenham compreendido plenamente o mundo que estavam formatando, quando tomaram as decisões que tomaram – e continuam a tomar. O que queriam era – e é – permanecer no poder, em Washington, e expandir o império corporativo norte-americano. Mesmo quando mais temerosos, alguns líderes norte-americanos, como os colonizadores de outros tempos, acreditaram – e acreditam ainda – que estejam fazendo o bem. E nisso Brecht piscaria e daria belas risadas...

Muitas vezes, o clichê e as platitudes são úteis. Aqui estão algumas: a ignorância é a praga. A xenofobia é a praga. A ganância dos outros é a praga. O ódio pelos outros é a praga. O desrespeito pela natureza é a praga. Erradiquem a praga. As performances são – ou podem ser – modelos de sociedades utópicas; seu exercício fomenta a destruição da ignorância; os ensaios sempre dizem respeito a ações criativas realizadas em grupo não para acobertar ou simplesmente ignorar as diferenças, mas para traçar novos caminhos para que todos juntos sigam adiante; as performances podem ser mostradas ao público com o resultado dessas pesquisas “proativas”. O largo espectro dos estudos da performance oferece lentes críticas para o entendimento das sociedades, dos grupos e dos indivíduos que encorporam e encenam as suas identidades pessoais e coletivas. Os estudos da performance desenvolvem o

axioma de que vivemos em um mundo performatizado, no qual as culturas colidem, influenciam e se moldam umas com as outras, hibridizando-se em passos rápidos e crescentes. Estas colisões não são sempre politicamente corretas e prazerosas. Populações e ideias movem-se empurradas por ideologias, religiões, guerras, fome, doença e esperanças por melhoria, intervenção governamental e comércio global. O resultado – se é que pode haver “um” resultado – de toda essa circulação nunca é clara ou certa. Alguns questionam a mudança, se será radical, decorrente da lista que apresentei e de um progresso técnico quase inimaginável – robots, nanocomputadores, colonização da Lua e de Marte –, outros enxergam uma nova era medieval de “entorpecimento” circulante. Eu mesmo vou e volto entre essas possibilidades e observo todas as paradas entre elas.

Os estudos sobre a performance são uma resposta particular a essa circunstância global. Surgem da premissa de que tudo ou qualquer coisa pode ser estudado “como” performance. As ferramentas dos estudos da performance são retiradas de outras disciplinas e ainda não se consolidaram em uma singularidade coerente. Talvez isso seja bom, mantém os estudiosos da performance alertas com o que está acontecendo mundo afora. Algumas das disciplinas tomadas de empréstimo nos estudos da performance roubam, adaptam, manuseando-a de forma própria, rotulando-a como ciência social ou biológica, como história, estudos de gênero, psicanálise, teoria social, estudos críticos raciais, teoria do jogo, economia, estudos de cultura popular, teatro, dança, cinema e estudos da mídia – e mais, os estudos das performances são atrevidos, promíscuos e arrojados –, isso, mesmo quando tentamos nos organizar e alcançar consistência e coerência.

Há um problema no coração de tudo isso. Se algo pode ser estudado “como” performance, se qualquer instrumento pode ser usado para o seu estudo, então os estudos da performance são, em última instância, mera bricolagem. O que é performance? O que são, então, os estudos da performance?

Da forma como eu teorizo o tema, trata-se de performance quando, de acordo com as convenções, usos comuns e/ou tradições de uma cultura específica ou unidade social em determinado momento histórico, um evento é chamado de “performance”. Sei que essa é uma definição escorregadia, “resiliente” e não confiável em termos absolutos. Mas ela é também útil, colocando o teórico da performance de volta junto às realidades sociais que se está estudando. Nos últimos 75 anos (pelo menos), “o que é performance” tem sido esticado, retorcido e expandido. Essa expansão primeiro foi liderada pela *avant-garde* nas interações ocorridas nas grandes trocas entre culturas ocidentais e não ocidentais. Mais tarde, a expansão foi operada pela internet, com o esvanecimento das fronteiras entre o real e o virtual, entre a assim chamada “arte” e a assim chamada “vida”.

A performance é distinta dos estudos sobre a performance (exceto na singular circunstância em que os estudos da performance são realizados por meio de uma performance) – e aqui me refiro a performance em seus vários ambientes, na vida social, nas artes, na política, na economia, na cultura popular e assim por diante, em domínios que se sobrepõem, algumas vezes reforçando-se, outras vezes subvertendo-se mutuamente. As performances marcam identidades, flexionam e reformam o tempo, adornam e reformatam o corpo, contam histórias e fornecem os meios para as pessoas brincarem, ensaiarem e reformarem os mundos nos quais não apenas habitam mas que se habituaram a reconstruir continuadamente.

Por haver escrito tais generalidades impetuosas, tenho de qualificá-las dizendo que todo gênero de performance, mesmo cada instância particular de cada gênero, é concreta, específica, diferente uma da outra. Não apenas em termos da variação local e mesmo individual. Nenhuma projeção de um filme cinematográfico é exatamente a mesma. Ao mesmo tempo, o que a leva adiante – o que “não é pela primeira vez” – é a primazia de cada evento, mesmo os únicos. Este paradoxo deve ser entendido e aceito. A tensão entre permanência, repetitividade, efemeridade e originalidade é o que constitui o processo de comportamento e as representações do comportamento em todos os níveis e instâncias. Entender isso é extremamente importante num período cada vez mais digital, em que a reproduzibilidade, a “intercambialidade” e a mesmice aparecem com o pulso cada vez mais forte. Mesmo as performances clonadas são diferentes umas das outras quando experienciadas por diferentes plateias, ou pelas mesmas em contextos diferenciados. Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio heraclitiano.

Se levarmos em conta a miríade de trabalhos de arte, interações pessoais, rituais, intercâmbio de mídias, eventos da cultura pop, e tantas coisas mais, que acontecem todos os dias em todo o mundo, então a produção e a recepção são incalculavelmente variadas, mesmo quando parecem tornar-se as mesmas. Ironicamente, performance e estudos da performance, enquanto participantes de um mundo crescentemente digitalizado da cultura, resistem àquilo que produzem. Conforme foi apontado antes, o que “é” performance não pode ser decidido *a priori*. O mesmo evento poderá ser uma performance em um momento, não em outro. Nós, teóricos, artistas e professores não apenas temos que viver nessa indeterminação, mas engendrar formas efetivas de teorizá-la. O desenvolvimento da performance como teoria, como fato de comportamento e de ação, torna cada vez mais difícil a sustentação da diferença entre aparências e fatos, superfícies e profundezas, ilusões e substâncias. Mais do que isso: as aparências são realidades, elas operam ações. Na modernidade, o que está “atrás”, entre, no fundo e escondido, frequentemente é o que há de “mais reais”. Mas, na pós-modernidade – e no que virá depois —, o relacionamento entre profundidades e superfícies é transmitido dinamicamente. O que

foi escondido é arremessado para o alto, e o que está na superfície é entranhado para o interior.

Em 2011, *Occupy Wall Street* tomou o Zuccotti Park (apropriadamente localizado esquina da Broadway com a Liberty). Outros *Occupys* espalharam-se pelos Estados Unidos e em outros países. Quando visitei o Zuccotti Park, um conjunto de performances estava acontecendo. As pessoas que acamparam ali eram, em sua maioria, gente jovem. O mote era performativo e acadêmico. Seminários, discursos amplificados por convocações e respostas em vez de alto falantes, percussões e danças, exposições de arte, circulação de petições, compartilhamento de comida, e muitos outros indicadores de criatividade, boa vontade, ativismo e mesmo de ironia. Os *Occupys* sabiam que estavam encenando um momento utópico evanescente. Diferentemente do “Weather Underground” dos anos 1960-1970, não acreditavam estar ali para derrubar a ordem social mediante a explosão dos símbolos dos poderes que detestavam. Sabiam que o Zuccotti Park estava cercado pela polícia e infiltrado por agentes disfarçados. O Park estava em quarentena. Então, em 15 de novembro, alta madrugada fria, a polícia de Nova York varreu os *Occupys* de seu acampamento. Nos poucos meses que se seguiram, outros *Occupys* foram despejados dos diferentes “territórios” conquistados.

Nada de material permaneceu. Quais lições tirar?

No movimento *Occupy*, e em outros, escutamos alto e bom som os ecos dos movimentos libertários estudantis e de movimentos pacifistas dos anos 1960 e 1970; e constatamos também ligações conceituais e estratégicas com a primavera árabe, da Tunísia ao Cairo, do Iêmen à Líbia e à Síria. Vínculos também com os protestos da Grécia, da Espanha e de todos os recantos em que os povos submetidos aos programas de austeridade rebelavam-se. Próximos ainda dos atores dos levantes da África do Sul e da China. Nenhum desses levantes e protestos acabou. Alguns transformaram-se em regimes autoritários. Em termos de economia, política, meio ambiente, direitos humanos e saúde – todos os itens com os quais eu comecei este ensaio –, os poderes não realizaram mudanças, ou não as aprofundaram o suficiente. Dos integrantes dos movimentos, 99% estão realmente zangados, insatisfeitos e tempestuosos. Mas seria isso revolucionário? E se for, qual forma de revolução deve ocorrer? Luta armada, como no passado? Reforma cultural? Algo ainda não articulado?

Nos anos 1950, como forma de encontrar um novo caminho, foi imaginado o Terceiro Mundo. O Terceiro Mundo não era comunista nem capitalista; não era alinhado com a União Soviética ou os Estados Unidos, era não alinhado. O Terceiro Mundo era composto de nações pobres, a maioria na África, Ásia, América Latina

e Oceania. Em escala global, o Terceiro Mundo era constituído por cerca de 90% da população do Planeta, pela maioria das pessoas excluídas e exploradas pelos grandes poderes.

Jawaharlal Nehru foi um eloquente porta-voz do Terceiro Mundo. Em Bandung, Indonésia, em 1955, Nehru falou para representantes do Terceiro Mundo:

Eu falo com o profundo respeito desses grandes poderes porque eles não são grandes apenas em poderio militar, mas também em desenvolvimento, em cultura e em civilização. Mas admito que a grandeza, algumas vezes, traz falsos valores, falsos padrões [...]. Admito que a força moral conta e que a força moral da Ásia e da África devem, a despeito das bombas atômicas e de hidrogênio da Rússia, dos Estados Unidos e de outros países, contar [...]. Portanto, estamos nós, países da Ásia e da África, destituídos de qualquer posição proativa, exceto de sermos ou pró-comunistas ou anticomunistas? Se chegarmos a isso, se os líderes do pensamento contemporâneo, os que têm oferecido religiosidade e todo tipo de reconforto ao mundo, forem obrigados a recorrer a um ou a outro grupo hegemônico, “enquadriados” neste partido ou no outro, expondo seus desejos e, ocasionalmente, oferecendo alguma opinião, isso é mais do que degradante e humilhante para qualquer povo ou nação que se respeita<sup>2</sup>!

2. Ver <<http://www.fordham.edu/halsal/mod/1955nehru-bandung2.html>>.

Hoje, artistas, ativistas e pesquisadores engendram um Novo Terceiro Mundo. O Terceiro Mundo de Nehru tinha localização geográfica específica. Hoje em dia, o Novo Terceiro Mundo é constituído de pessoas presentes em todos os lugares, distribuídas de forma proporcional. O que une o Novo Terceiro Mundo é uma comunidade de propósitos, o modo de inquirir (ou experimentar, se preferirem) e um sentido de ser outro, e não o de participar de um insignificante bando. O Novo Terceiro Mundo necessita organizar-se como “não alinhado”, nem capitalista, seja tipo norte-americano ou chinês, nem comunista/socialista submisso, nem religioso-fundamentalista, seja islâmico, cristão, judeu, budista ou de qualquer outra confissão. A vanguarda deste Terceiro Mundo agrupa – e aqui espero que vocês não pensem que sou por demais arrogante – desde os teóricos da performance até artistas que praticam a pesquisa colaborativa em performance; pessoas que sabem que jogar profusamente é uma maneira de encontrar e encorporar novos conhecimentos, renovando energia e relacionando a base performativa mais que a ideológica. Como seria um manifesto deste Terceiro Mundo da Performance?

1. Performar é explorar, jogar, experimentar com os novos relacionamentos.
2. Performar é atravessar fronteiras. Essas fronteiras são não apenas geográficas, mas emocionais, ideológicas, políticas e pessoais.

3. Performar é engajar-se em estudos longevos, ativismo de toda uma vida. Absorver cada livro como um roteiro – algo a ser jogado, interpretado e reformado/refeito.
4. Performar é tornar-se alguém mais e você próprio ao mesmo tempo. Ter empatia, reagir, crescer e mudar.

Peço – a quem está me lendo – que considere o quase inimaginável, porque é tão difícil para as pessoas levarem a sério aqueles que não estão engajados nos grandes negócios, no fabrico de artefatos de guerras ou reforçando a vontade Deus. Levar a sério aqueles que jogam jogos, aqueles que brincam, os que criam playgrounds e espaços artísticos... levar a sério a força pessoal, social e construtora dos mundos da performance... Devemos rejeitar a rigidez ideológica, econômica e religiosa em favor da flexibilidade e da fluidez.

Tudo muito bem, muito bom. Posso oferecer exemplos para consubstanciar meu manifesto de quatro pontos? Tem muita coisa acontecendo nas artes, estudos acadêmicos e ação social – especialmente onde essas três esferas interagem e se sobrepõem. Deixem-me oferecer alguns poucos exemplos de um repertório muito longo de possibilidades – e assim fazendo, clamo por mais sinergia, mais conexões entre as várias ações dos artistas e das pesquisas acadêmicas.

Considere V-Day, o embrião dos *Monólogos da vagina*, de autoria de Eve Ensler. A última manifestação do V-Day foi “Um bilhão de mulheres se revoltando”, desdobramento do estupro-assassinato de janeiro de 2013 em Nova Delhi de uma “jyoti singh” de três anos de idade. O Website de “A revolta de um bilhão” afirmava:

Hoje em dia, no Planeta, um bilhão de mulheres – uma em cada três mulheres será estuprada ou espancada em seu tempo de vida. [...] O V-Day recusa-se esperar enquanto mais de um bilhão de mulheres sofrem violência. Em 14 de fevereiro de 2013, no 15º aniversário do V-Day, estamos convidando um bilhão de mulheres e aqueles que as amam para saírem, dançarem, *rise up* e exigirem um fim para a violência [...].

Veja como você pode começar um levante: monte um palco em sua comunidade, no escritório, na faculdade ou escola; organize um “rolé” num local, num marco edificado, nas ruas ou num *shopping* da vizinhança; promova uma festa dançante; produza um evento teatral; marche em suas ruas; proteste; faça greve; dance e, acima de tudo, levante-se!

O Website incluía um mapa mundial e eventos. Note que todas as ações foram performativas. Conforme Ensler notou, “Agora não é o momento para se questionar, ou esperar, é hora de levantar-se!”

A questão das mulheres é tão vital hoje – talvez mais ainda do que quando as mulheres norte-americanas se juntaram em Seneca Falls, em 1848, para pressionarem por seus direitos –, as injustiças são tão palpáveis quanto aquelas que Ibsen apresentou. Não é apenas um assunto de equidade, mas de mudança de uma história carregada de violência. Pinker aponta a forte correlação – um sistema causa → efeito, eu diria – vinculando o levante das mulheres, o declínio de estupros e danos, e uma queda geral da violência:

Agora somos todos feministas. O ponto de vista padrão da cultura ocidental torna-se crescentemente unisex. A universalização do ponto de vista do cidadão genérico, impulsionado pela razão e pela analogia, foi um mecanismo do progresso moral durante a Revolução Humanitária do século XVIII, e retomou esse ímpeto ao longo das Revoluções por Direitos do século XX. Não é por uma coincidência que a expansão dos direitos das mulheres seguiu as pegadas da expansão dos direitos das minorias raciais. [...] O que dizer do resto do mundo? [...] Mundialmente, foi estimado que entre um quinto e metade de todas as mulheres já foram vítimas de violência doméstica. [...] Penso que é extremamente provável que nas próximas décadas a violência contra mulheres vai declinar através do mundo. [...] Entre os movimentos de base, as atitudes em escala global irão quase com certeza garantir que as mulheres obtenham uma maior representação política e econômica nos próximos anos (Pinker, 2013: 549, 559, 560, 561, 562).

As performances em apoio aos direitos das mulheres são parte do “teatro social”, o qual está intimamente relacionado ao projeto dos estudos da performance. Como James Thompson e eu escrevemos em nossa Introdução à edição especial do *The Drama Review (TDR)*<sup>3</sup>, de 2004, sobre o teatro social:

Considerado em seu conjunto, o teatro social situa-se ao lado e, algumas vezes, no lugar do “teatro estético” (incluindo teatros de arte, teatros experimentais, teatros universitários, teatros regionais e o teatro comercial). Não negamos nem os aspectos sociais do teatro estético ou os aspectos estéticos do teatro social, ao contrário, apontamos diferenças de propósito, plateias, locais e valores de produção. [...] O teatro social pode ser definido como teatro com agendas sociais específicas: teatro onde a estética não é o objetivo reinante; teatro fora do domínio do comércio [...] e o culto do novo:

1. teatro para curar;
2. teatro para a ação;
3. teatro comunitário; novo [...]

Os teatros sociais se realizam em locais diferentes – desde as prisões, os campos de refugiados, até os hospitais e as escolas, os

3. Publicação sobre estudos da performance editado pelo autor na New York University.

orfanatos e os asilos de idosos. [...] O teatro social sempre ocorre em lugares e situações que não são os costumeiros do teatro, transformando *não performers* em *performers*. [...] Os ativistas do teatro social frequentemente são artistas, mas não precisam sê-lo. As variedades de teatro social [...] podem ser postos em quatro grupos que possuem uma inter-relação:

1. teatro para curar;
2. teatro para a ação;
3. teatro comunitário;
4. teatro transformador da experiência em arte [...].

As pesquisas sobre a performance enquanto disciplina prometem levar os estudos teatrais para fora de seu paroquialismo e para dentro de uma interdisciplinaridade necessária e poderosa. Os estudos da performance reconhecem todas as áreas da vida social como tópicos para os teóricos da performance. O teatro social carrega esta bandeira na prática, indo a hospitais, prisões, e zonas de guerra e provando que a performance em si mesma é um método para se entender, intervir, participar e colaborar de maneira positiva com os que vivem nesses locais e com o que está acontecendo naquele local (Thompson & Schechner, 2004: 11-12, 15-16).

Certamente, leiam o termo “teatro” incluindo todas as artes performáticas. A base teórica protetora do teatro social – para além dos escritos de Thompson e Guglielmo Schinina (consultem as referências para especificações) – incluem a pedagogia do oprimido de Paulo Freire e a expansão de Freire feita por Augusto Boal, para a performance, o teatro do oprimido.

Não há dúvida quanto ao fato de as performances de todos os tipos serem cruciais para o sucesso de minha proposta sobre o Terceiro Mundo da Performance. O número de artistas de vanguarda e experimentais progressistas é grande demais para listar-se mesmo uma fração deles. *The Drama Review (TDR)* tem, durante décadas, prestigiado o trabalho desses artistas. Por exemplo, a *Revolução “pixelada”* de Rabih Mroué acerca da qual Carol Martin escreveu:

O trabalho demonstra as maneiras pelas quais o teatro do real pode ser explorado e explora tensões entre fato e ficção, inovação estética e ideias políticas. Suas intenções interpretativas são menos sobre uma verdade literal e mais acerca do uso autoconsciente de diferentes matérias para questionar as convenções da representação da verdade. [...] Ele nota, desde o começo, que tanto os jornalistas profissionais como os freelances estão ausentes da revolução na Síria, tornando impossível saber o que realmente está acontecendo. Nascida de uma análise detalhada e retórica, os protestadores sírios geraram imagens, como algo que se poderia ver num filme *noir* de espionagem; sua performance é um comentário provocativo sobre a

estética do pós 11 de setembro, guerra e revolução... [...] A *Revolução pixelada* revela uma paradoxa estranho. Gravações diárias podem subitamente tornar-se atos de resistência e tratadas como transgressões que devem ser eliminadas. A submissão aqui não é constante e pan-óptica. A submissão de e pelos artistas sírios e sua oposição é uma submissão súbita. Não há apenas um olho “escaneando” a paisagem, mas muitos olhos, todos procurando e tentando capturar o olhar dos outros. Mroué participa de um discurso analítico e estético que reivindica representar o real e de afirmar a verdade, reconhecendo abertamente o uso simultâneo da ficção para tanto. Mistura ficção e não ficção, performance e documentação, entretenimento e edificação numa performance em que a atuação, o vídeo, as fotografias, a cenografia e o texto, todos operam juntos como parceiros iguais na criação de significados (Martin, 2012: 22,24).

A abordagem de Mroué está próxima do tratamento realizado por muitos outros – sintetização, multimídia, combinando a ficção e o “real”, atuação e não atuação, seriedade e paródia; academicismo e entretenimento: uma *bouillabaisse* performativa pós-moderna.

Preciso parar aqui, embora pudesse listar grupos e indivíduos do Force Entertainment e do Yes Men ao Gob Squad ao *Team*, do Nature Theatre e do Ohlahoma ao The Assembly and Builders Association”, e muitos outros mais, que estão concretizando o Terceiro Mundo da Performance. Além desses, existem estudiosos e professores – pois esse Terceiro Mundo performativo funde o acadêmico em seu sentido mais nobre (Sócrates vivendo e morrendo por suas ideias) com o artístico; o reflexivo com o ativo; o crítico com o celebrativo. Ironicamente, o que é necessário agora – mesmo nesta época de hiperconectividade – para os indivíduos e grupos, movimentos e tendências, artistas e estudiosos é a coalescência numa força não (inter)rompível, singular para uma verdadeira mudança.

Uma disciplina para os estudos da performance?

PS significa “performance studies” mas também postscript. O que é escrito posteriormente. Então, ao final, o que é necessário? Em uma obra prima monográfica, *Identity and the life cycle* (1959), Erick H. Erikson escreve que a crise da Antiguidade – a fase da vida em que estou entrando agora – é de integridade/sabedoria versus desgosto/desespero. Integridade significando alcançar uma nova visão do todo, o que o poeta Yeats chamou de “a mente de águia do velho homem”. Logo, estou tentando manter as coisas juntas, não me submetendo aos “fatos”, mas labutando para imaginar alternativas. Tenho dito que meu cérebro é pessimista, minha barriga otimista. Em outros termos, o que sei reforça o mundo que eu descrevi no começo deste ensaio. Mas a maior parte do que sinto me conduz no sentido do Novo Terceiro

ro Mundo. Fazendo ioga – a própria palavra significa amarrar junto, amarrar como se amarra um boi – mantém meu cérebro e minha barriga em algum tipo de ocupação profunda. Cada crise – pessoal, pública, artística, global – envolve escolhas: ir para um lado ou para o outro. E, na minha idade, a curva é do tipo Janus, pendendo para frente como para trás ao mesmo tempo. Há mais de um século Erikson já sabia e profeticamente escreveu:

As ideologias parecem oferecer combinações significativas do mais antigo e do mais novo nos ideais de um grupo. Elas canalizam o empoderamento da honestidade. O ascetismo sincero e a indignação zangada da juventude no sentido da fronteira social onde as lutas entre o conservadorismo e o radicalismo são mais vivas. Nessa fronteira, ideólogos fanáticos se ocupam de seu trabalho e líderes psicopatas fazem o trabalho sujo deles; mas, ali também, líderes sinceros criam solidariedades significativas. Todas as ideologias quererem, ao preço da promessa de conquista de um futuro descomprometido com alguma hierarquia de valores e algum princípio rígido de conduta, seja esse princípio a total obediência à tradição, se o futuro é a forma de eternizar a ancestralidade; a resignação total, se o futuro é a realização de um mundo novo; a total disciplina marcial, se o futuro é para ser reservado a algum tipo de super-homem armado; a total reforma interior, se o futuro é percebido como edição avançada do céu na terra; ou (para mencionar apenas um dos ingredientes do nosso tempo sic), o completo abandono pragmático aos processos de produção e ao trabalho em equipe, se a produção incessante parece ser um cordão que mantém atado o presente ao futuro... [Quando] as identidades estabelecidas esgotam-se ou as não acabadas ameaçam permanecer incompletas, crises especiais compõem os homens a criarem guerras santas, pelos meios mais cruéis, contra aqueles que parecem questionar ou ameaçar suas inseguras bases ideológicas. Podemos mesmo fazer uma pausa para ponderar brevemente o fato de que os desenvolvimentos tecnológicos e econômicos dos nossos dias (sic novamente) invadem os grupos tradicionais, as identidades e as solidariedades tais como devem ser desenvolvidos em ideologias agrárias, feudais, aristocratas ou mercantis [...]. Em grandes partes do mundo, isto parece resultar uma fascinação imediatista por visões de mundo totalizantes, visões que preveem milênios e cataclismos e advogam deuses mortais autodenominados. A centralização tecnológica, pode hoje (sic uma ultima vez) oferecer a pequenos grupos desses ideólogos fanáticos o poder concreto de máquinas estatais totalitárias (Erikson, 1959: 198).

Os estudiosos e artistas da performance necessitam sempre permanecerativamente críticos dos “deuses mortais autodenominados”. Devemos imaginar, inventar e performar formas alternativas de tornarmo-nos nós mesmos.

## Referências

- ERIKSON, Erik H. Identity and the life cicle. *Psychological Issues*, v. 1, n. 1, 1959, p. 18-171.
- MARTIN, Carol. Introduction to “The pixeleted revolution”, by Rabih Mroué. *The Drama Review (TDR)*, v. 56, n. 3, New York University, 2012, p. 18-35.
- NEHRU, Jawaharlal. Speech to Bandung Conference Political Committee, 1955. <<http://www.fordham.edu/halsall/mod/1955nehru-bandung2.html>>.
- PINKER, Steven. *The better angels of our nature*. New York: Viking, 2011.
- . *Os anjos bons de nossa natureza*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.
- THOMPSON, James; SCHECHNER, Richard. Why “social theatre”? *The Drama Review (TDR)*, v. 48, n. 3, New York University, 2004, p. 11-16.